

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

1

Educação Sexual na Escola - A perspetiva de uma coordenadora de projeto

Júlia Leal ()*

Introdução

A necessidade de uma permanente atualização no âmbito da Educação Sexual foi por mim sentida no exercício do cargo de coordenadora do projeto, inicialmente de educação sexual e posteriormente de educação para a saúde, atualizando-me e dotando-me de competências para melhor poder corresponder às crescentes e diversas exigências do cargo, de forma a dinamizar atividades, orientar os professores responsáveis pelos projetos de turma, servir de elo de ligação com estruturas externas de acordo com as solicitações feitas, dinamizar atividades diferenciadas a pedido dos diretores de turma e, ainda, dinamizar o Gabinete de Informação e Apoio ao Aluno.

O exercício do cargo de coordenadora de projetos no âmbito da saúde teve início no ano letivo de 2001-2002, na escola onde ainda leciono, pelo que de uma forma sintética, vou fazer uma retrospectiva do trabalho desenvolvido até ao momento, muito baseado na formação feita.

O começo...

2001-2002 - No início do ano letivo de 2001-2002 foi-me proposta pela então Presidente do Conselho Executivo da Escola, onde leciono, a coordenação de um projeto de Educação Sexual com base no legislado no Decreto-Lei nº 259 de 11 de Agosto de 2000 e após uma sessão organizada pela equipa de saúde responsável pelo projeto "Saber e Sentir 2000-2005" da, então designada, Unidade de Saúde de Matosinhos (U.S.M.).

Algumas questões colocaram-se-me de imediato:

- Até que ponto vou contribuir para a mudança de mentalidades?

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

2

- Até que ponto conseguirei responder aos problemas dos alunos?
- Até que ponto não vou transmitir os meus valores?
- Até que ponto vou ajudar a construir a autoestima dos jovens?

Comecei por fazer uma abordagem a diferentes colegas e fui “presenteada” com alguns sorrisos e, porque não dizer, risos? Teria eu dito alguma anedota? Não, mas para a maioria das pessoas, falar de sexualidade é falar somente de sexo. Lembro-me de uma definição de amor que encontrei numa separata “Ciência Divertida”, vendida com a revista Super Interessante (não sei precisar o número), onde li: “O que é o amor?”. Eis uma resposta, entre outras, aí referida e dada por alguém que exerce uma profissão facilmente identificável: “Amor é a equação perfeita, já que a mulher eleva o elemento à sua máxima potência, fecha-o entre parêntesis, extrai-lhe o fator comum e redu-lo à sua mínima expressão”.

Reduzindo o amor a uma simples equação, que na sua forma mais simples não é mais que o ato sexual em si, ou melhor, “sexo sem afetos”, dá para compreender a razão dos sorrisos e o mal-estar sentido por muitos dos adultos e jovens ao falar-se de sexualidade. Coloquei, então, outra questão: Até quando... conseguirei “remar contra a maré”? Sem um trabalho conjunto qualquer esforço é inglório.

A verdade é que os nossos jovens precisam de crescer num todo, em equilíbrio físico e psíquico, mas ... há angústias não resolvidas, problemas não solucionados, dúvidas não respondidas e o “eu” não identificado...



Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

3

Decidi, então, aceitar o desafio e parti para a constituição da equipa dinamizadora do projeto.

Projeto “Construir Eros no Mundo dos Afetos”

2001-2006 - Para melhor me enquadrar no consignado na lei portuguesa, fiz um levantamento da legislação que tinha saído, até ao momento, sobre educação sexual e dei-me conta que, desde 1984, a educação sexual vinha sendo legislada/referenciada, embora na prática ainda nada tivesse sido feito por continuar a ser uma temática tabu e onde as pessoas não se sentiam (sentem?) à vontade.

Voltando ao Decreto-Lei nº 259 de 11 de Agosto de 2000, que esteve na origem do convite que me foi feito para coordenar um projeto de educação sexual, lê-se no artigo 1º que:

“ 1. A organização curricular dos ensinos básico e secundário contempla obrigatoriamente a abordagem da promoção da saúde sexual e da sexualidade humana, quer numa perspetiva interdisciplinar, quer integrada em disciplinas curriculares cujos programas incluem a temática.

2. O projeto educativo de cada escola, a elaborar nos termos do artigo 3º do regime de autonomia, administração e gestão das escolas, aprovado pelo decreto-lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, deve integrar estratégias de promoção da saúde sexual, tanto no desenvolvimento do currículo, como na organização de atividades de enriquecimento curricular, favorecendo a articulação escola-família, fomentar a participação da comunidade escolar e dinamizar parcerias com entidades externas à escola, nomeadamente com o centro de saúde da respetiva área, de acordo com o disposto no nº 4 do artigo 2º da Lei nº 120/99, de 11 de Agosto.

3. O plano de trabalho de turma, a elaborar nos termos do artigo 36º do regime de autonomia, administração e gestão das escolas referido no número anterior, deve ser harmonizado com os objetivos do projeto educativo de escola e compreender uma abordagem interdisciplinar da promoção da saúde sexual, por forma a garantir uma intervenção educativa integrada.”

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

4

Mas, como elaborar um projeto de educação sexual, tendo em conta o legislado e como torná-lo exequível e explícito?

Formação de Professores

A necessidade de formação nesta área foi sentida pela equipa que se inscreveu na ação de Educação Afetivo-Sexual, “Saber e Sentir (2000-2005)”, na modalidade de “projeto” com o “objetivo último” de “Promover o desenvolvimento afetivo-sexual de toda a comunidade escolar”, dinamizada por uma equipa multidisciplinar de promoção de saúde da U.S.M., a par de outras equipas de trabalho de escolas do Concelho de Matosinhos.

Os conceitos transmitidos, as estratégias utilizadas e, ainda, a riqueza de material bibliográfico disponibilizado pela equipa de formação, deram-me mais certezas e autoconfiança, permitindo-me uma dinâmica diferente de abordagem dos colegas, através de argumentos mais convincentes, e uma resposta às questões que inicialmente tinha colocado.

O passo seguinte foi elaborar o projeto de escola de educação afetivo-sexual –“ Construir Eros no Mundo dos Afectos” - dando cumprimento ao legislado e aplicando o aprendido na formação. Toda a comunidade escolar foi mobilizada. Foram ouvidos alunos, professores e pais em sessões diferentes. Foram os resultados dos inquéritos anónimos feitos aos alunos que serviram de base à planificação de atividades de Complemento Curricular e Extracurricular, a fim de ajudar a responder à ausência de conhecimentos, às dúvidas e às suas expectativas.

Aos professores, em reunião de Grupos Disciplinares, coube a identificação de temas de Educação Sexual nos programas, em articulação com os objetivos de Educação Sexual definidos pelo ME no programa “Educação Sexual em Meio Escolar”. Tiveram-se igualmente em consideração as sugestões feitas pelos pais.

Este projeto integrou, também, propostas de trabalhos de professores da nossa Escola, sobre Educação Sexual e Saúde que fizeram formação em “Trabalho de Projecto/Diário de Bordo”.

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

5

Formação de pais - Pais e a Educação Sexual

Dos resultados do inquérito aplicado aos alunos salienta-se que, maioritariamente, estes não conversavam com os pais sobre temáticas relacionadas com sexualidade por não se sentirem à vontade ou por ser assunto de que não se fala em casa ou, ainda, por não saberem responder...



Sentida essa necessidade, a equipa solicitou, junto da U.S.M., cursos de formação para pais, já que a escola deve estar em sintonia com a família. O número de inscrições inicialmente existente foi considerável, levando a que a equipa de profissionais tivesse previsto dois cursos, o que acabou por não acontecer dada a redução efetiva dos pais interessados.

Assim, somente foi realizado um curso que decorreu no início do ano letivo de 2002/2003. Realizaram-se 5 sessões, cada uma das quais com a duração de cerca de cem minutos. Nas duas primeiras sessões foram abordados temas de informação relacionados com Reprodução, Enamoramento/Relações Afetivas e Doenças Sexualmente Transmissíveis. Nas duas últimas sessões transmitiram-se aos pais competências de comunicação, de forma a terem mais autoestima e mais abertura para com os filhos, de forma a saberem ouvir, saberem escutar, saberem perguntar. A última sessão decorreu seis meses depois, validando os conhecimentos/competências adquiridas. Os pais presentes salientaram a importância desta formação. Referiram que mais importante que a aprendizagem feita foi sentirem que os problemas que tinham com os filhos eram comuns a outros pais.

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

6

Formação de alunos – “Grupos Líder”

Um grupo de jovens voluntários foi alvo de formação ministrada por profissionais da área da Psicologia Clínica e sob a orientação do Dr. Rui Ramos, psicólogo no Hospital Pedro Hispano, com experiência na formação de “grupos líder” de jovens, feita em Espanha.

Os objetivos que se pretendiam atingir foram:

- motivar jovens a tornarem-se ativos enquanto formadores de colegas, tendo por base a informação que receberam nas ações de formação e como propósito máximo a mudança de práticas e atitudes dos seus pares;
- proporcionar aos jovens oportunidades para debater e receber informação tecnicamente relevante acerca do desenvolvimento afetivo, valores humanos e comportamentos sexuais.

Esta atividade foi aplaudida pelos alunos intervenientes que, no final, se mostraram bastante satisfeitos por terem podido participar num projeto por eles apelidado de “útil”, “educativo”, “gratificante” e “incentivante”. Nos anos subsequentes estes alunos foram intervenientes ativos na dinâmica de diferentes atividades realizadas na escola no âmbito do projeto de educação sexual.

Avaliação do projeto

Em 2006, realizou-se na Escola Secundária do Padrão da Légua um encontro onde foi feita a avaliação dos projetos de educação afetivo-sexual desenvolvidos em quatro escolas do Concelho de Matosinhos com as equipas de professores que integraram a formação “SABER E SENTIR (2000 – 2005)” da ULS de Matosinhos. Estiveram presentes, entre outros convidados, profissionais de saúde da Unidade Local de Saúde Matosinhos (ULSM) de áreas de saúde diversificadas e professores das escolas responsáveis pelos projetos. Foi apresentada uma súmula dos trabalhos desenvolvidos nas diferentes escolas de 2002 a 2006.

Entre as diferentes atividades desenvolvidas, e com o objetivo de abranger um número de alunos mais elevado, para além das já referidas, saliento:

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

7

- Caixa de perguntas - Foram distribuídas 3 caixas para a colocação de dúvidas por parte dos alunos (de forma anónima), por locais estratégicos.
- Concurso Literário “Mensagem de Afeto” em Línguas Portuguesa e Inglesa para comemoração do dia de S. Valentim.
- Concurso “Saber sobre sexualidade”, destinado a alunos do 9º Ano de Escolaridade.
- Gazeta dos Afetos - Como exemplo anexa-se a gazeta nº 4.
- Gabinete de atendimento - A ideia de que tal atividade se revestia da máxima importância para a criação de um espaço íntimo de comunicação nesta área, de forma a fazer-se um atendimento personalizado dos alunos, ajudando-os a tomar decisões mais esclarecidas, acabou por se revelar infrutífera (na nossa escola), tendo como indicador o número de alunos que usufruíram do gabinete.
- Mesas redondas - Estas mesas redondas, subordinadas aos temas “Relação entre pais e filhos” e “Comunicação entre pais e adolescentes” foram destinadas a pais, professores e alunos.
- Cafés Concerto - Dos programas fizeram parte sketches construídos e representados por alunos do grupo de “jovens líder”, seguidos de debate mediado por Técnicos de Saúde da ULSM que estiveram na base da formação realizada - Dr. Rui Ramos, Dra. Cecília Eira e Enf. Alice e, ainda, atividades lúdicas.

Projeto de Educação para a Saúde

2006-2009 - A saída de nova legislação levou a ter que se alargar os objetivos, bem como o conceito do projeto até aí implementado nas Escolas onde houve formação, de forma a torná-lo mais abrangente. Deste modo, passou-se a uma nova fase, implementando-se projetos sobre “Educação para a Saúde”. Para além da educação sexual em meio escolar e infeções sexualmente transmissíveis, as temáticas Alimentação e Atividade Física, Prevenção do Consumo de Substâncias Psicoativas, Saúde Mental e Prevenção da Violência em Meio Escolar, passaram a ser consideradas, pelo ME, as áreas prioritárias de saúde (Despacho Interno - SEE, de 27 de Setembro de 2006). É sabido que o desenvolvimento sexual do adolescente está intimamente ligado à sua evolução física,

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

8

afetiva e à inter-relação com o meio ambiente e que uma grande parte dos problemas de saúde está relacionada com o estilo de vida, no qual se incluem os comportamentos de saúde, a saber: consumo de drogas, sedentarismo, alimentação desregrada, situações de stress, promiscuidade sexual, violência...

As áreas curriculares não disciplinares foram as eleitas para o desenvolvimento das atividades constantes do projeto, conforme Despacho nº 19308/2008, de 21 de Julho – SEE.

Na nossa escola, numa tentativa de abranger o maior número de alunos possível, agendaram-se reuniões entre a equipa do Projeto de Educação para a Saúde (PES) e os professores de Área de Projeto do Ensino Básico para definir as áreas prioritárias de intervenção nas turmas dos diferentes anos de escolaridade (Anexo 8).

Durante este triénio dinamizaram-se novas atividades, nomeadamente as Olimpíadas da Saúde lançadas a nível concelhio, com questões que versavam as cinco áreas prioritárias.

Foi notório o envolvimento de toda a comunidade escolar na consecução das atividades previstas nos planos anuais de atividades do PES.

2009-2011 - A saída da Lei nº 60/ 2009, de 6 de Agosto, que estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar, fez com que a equipa levasse à Escola, no início do ano letivo de 2009-2010, uma psicóloga da APF, Dra. Carla Serrão, para fazer a clarificação desta lei e o enquadramento normativo e valorativo junto dos professores e dos Encarregados de Educação.

Com a nova legislação, um novo desafio se colocou à equipa do PES da nossa Escola. Apesar do envolvimento imediato para poder responder às solicitações com que a equipa se iria confrontar e para dar resposta aos professores, deparámo-nos com algumas barreiras... No entanto, e não querendo ser mais um entrave para o desenrolar do processo, quisemos adiantar-nos e procurar ajuda para que nos fosse proporcionada formação, assim como a todos os professores que, eventualmente, viessem a envolver-se na educação sexual dos nossos alunos e que se mostravam incapazes de levar o

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

9

processo adiante. Assim, a equipa solicitou uma ação de formação creditada, subordinada ao tema “Educação sexual em meio escolar: O papel do diretor de turma e restantes professores”, junto da psicóloga Dra. Carla Serrão, formadora da ESE. A ação, em modalidade de oficina, decorreu de janeiro a março de 2010, munindo os professores formandos de ferramentas que foram utilizando nas suas turmas (turmas experimentais com projeto de educação sexual), ao longo da formação.

Tendo por base a aprendizagem feita nesta formação, as orientações curriculares adequadas para os diferentes níveis de ensino constantes na Portaria nº 196-A/2010, de 9 de Abril, que regulamenta a lei nº60/2009, de 6 de Agosto, estabelecendo o regime de aplicação da Educação Sexual em meio escolar e os conteúdos curriculares afins enviados pelos coordenadores das diferentes ADs, foi elaborado o Projeto de Educação Sexual e o do Gabinete de Informação e Apoio ao Aluno (GIAA) para o triénio 2010-2013. O mesmo foi apresentado no final do ano letivo de 2009-2010 ao Conselho Geral para aprovação, após parecer favorável do Conselho Pedagógico - apresentação síntese do projeto.

Com a sua aprovação e dado que o número de professores que fizeram formação não foi representativo, a equipa, mais uma vez, enveredou esforços, agora junto do CFAE, para que outros professores pudessem ter acesso a formação na área da sexualidade – “A Educação Sexual em Meio Escolar: metodologias de abordagem/intervenção”.

A obrigatoriedade do projeto de educação sexual fazer parte do projeto curricular de turma levou a que muitos professores sentissem a necessidade de fazer formação. Devido às funções inerentes ao cargo de diretor de turma, a prioridade da formação foi dada aos professores do ensino básico que exerciam esta função. Com esta formação, que decorreu de outubro de 2010 a maio de 2011, os diretores de turma puderam fazer um acompanhamento dos projetos de educação sexual das suas turmas, elaborados durante o 1º período, aplicando, nas atividades previstas, estratégias interativas dadas como exemplos na formação ou reformulando outras.

A interatividade, a troca de experiências e de vivências, a partilha de dúvidas e receios, a vontade de aprender mais, aprofundando conhecimentos e a aquisição de autonomia,

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

10

foram evidentes nos professores formandos. A partilha de material, bem como a sua disponibilização na plataforma Moodle do CFAE, foi ainda uma mais-valia, dada a sua diversidade, interesse e atualidade.

Conclusão

Educação sexual na Escola – tema, sem dúvida, polémico...

Sabe-se que a formação dos professores, os relacionamentos pessoais, as crenças religiosas, os valores, as ideias feitas, a vivência da sua própria sexualidade..., interferem com os modos de se lidar com esta problemática.

Contudo, a legislação obriga a que, em cada turma, seja elaborado o Projeto de Educação Sexual de Turma (PEST). Mas a legislação só por si não leva à mudança! Os professores têm que se sentir confortáveis para abordarem temáticas de educação sexual. Para tal, é necessário que adquiram conhecimentos, compreensão e “ferramentas” para uma correta abordagem da Educação Sexual junto dos jovens. Só através de formação na área da sexualidade é possível desmistificar conceitos, alargar conhecimentos no domínio das ferramentas pedagógicas e adquirir autonomia. Esta autonomia foi notória nos professores que fizeram formação, durante o primeiro período deste ano letivo, ao elaborarem os seus PESTs.

Mas, dada a multiplicidade de áreas do conhecimento humano que a educação sexual abrange, uma só formação não é suficiente, há que fazer formação complementar. Só assim os professores ficam sensibilizados, mostrando uma atitude mais positiva e cada vez mais autónoma ao implementarem o Projeto de Educação Sexual de Turma.

De acordo com o legislado e com as aprendizagens obtidas nas diferentes formações tidas, os professores, teoricamente, passam a encarar a sexualidade como um todo, utilizando não só os conteúdos programáticos afins das suas disciplinas, uma vez que os objetivos curriculares e os objetivos para a educação sexual se cruzam, como a atuar de acordo com as situações, dentro e fora da sala de aula, ouvindo e informando os alunos sem, no entanto, transmitirem os seus valores.

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

11

Contudo, na minha opinião, não é o que acontece na prática. A extensão dos programas em diferentes disciplinas, acrescida do número reduzido de tempos letivos semanais e a utilização de estratégias proativas, imprescindíveis para o tratamento de temáticas de educação sexual, são incompatíveis...

Refiram-se, ainda, como causas que minimizam o investimento dos professores nos PESTs, a crescente diversidade de tarefas que são exigidas atualmente aos professores, bem como o tempo que os mesmos consomem em tarefas burocráticas.

Assim, colocam-se-me algumas dúvidas:

- Será que, apesar da formação recebida para a implementação dos PESTs, os professores responsáveis pelos mesmos conseguirão envolver os diferentes professores do Conselho de Turma, sem formação específica, de forma a que as atividades previstas no projeto, e que vão ao encontro das necessidades/ interesses dos alunos, levantados no início do ano, são de facto concretizadas?

- Os professores das diferentes disciplinas, com conteúdos programáticos que se cruzam com temáticas de sexualidade e que não fizeram qualquer formação, saberão trabalhar essas temáticas, dando a ênfase devida, de forma a motivar os alunos?

- Será que as 12h previstas, no mínimo, na Lei, para atividades a desenvolver com os alunos no âmbito da sexualidade são suficientes e são realmente efetivas?

Por outro lado, quando as temáticas de sexualidade não são desenvolvidas por professores do Conselho de Turma, por não se sentirem confortáveis, e se recorre a pessoas externas à turma, passando por professores da equipa do PES, encarregados de educação disponíveis, com competências para o desenvolvimento das atividades, ou por técnicos convidados, leva a que se levantem outros problemas:

- Qual a disciplina que vai ceder horas para serem utilizadas na sessão com a(s) pessoa(s) convidada(s)?

- Até aqui, eram as aulas de Formação Cívica e de Área de Projeto que eram utilizadas. E agora que foram extintas estas áreas curriculares não disciplinares qual o professor que irá disponibilizar as suas horas?

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

12

- Realizam-se essas atividades fora da componente letiva? É sabido que a maioria dos alunos não vai voluntariamente à Escola para participar em atividades extracurriculares.

Fica então aqui uma pergunta provocatória e utópica:

- Será que um ou dois segmentos marcados nos horários dos alunos para a Educação Sexual iria resolver alguns destes constrangimentos?

Gostaria de concluir dizendo que, mantendo-se ou não esta organização, e sabendo que, inconscientemente, a todo o momento estamos a fazer educação sexual, espera-se que futuramente mais professores façam formação nesta área. As discussões e reflexões proporcionadas, o contacto com ideias e opiniões diversas levam a que o olhar dos professores se volte para suas próprias conceções e preconceitos e estes passem a ver a sexualidade de forma diferente.

A autoconfiança e a autonomia adquiridas pelos professores ao longo da formação permitem que se envolvam, efetivamente, nos PESTs e desempenhem um papel proativo, sem medos ou tabus, na esperança de contribuir para a formação de jovens mais saudáveis, informados, responsáveis, críticos e felizes.

Só depois de os jovens estarem devidamente informados e alertados sobre as diferentes situações/questões, é que estes podem ser responsabilizados pela escolha e decisão das atitudes que tomarem.

(*) Docente do grupo 520 da Escola Secundária do Padrão da Légua, Coordenadora de projetos no âmbito da Saúde.